

**A PAISAGEM E A LITERATURA
BRASILEIRA**

PINTO FERREIRA

A indagação científica das múltiplas relações entre o homem e o mundo geográfico demonstrou a existência de uma sutilíssima teia de vida, uma verdadeira "web of life", na lúcida expressão de Mukerjee, nessa sua "intuição iluminada dos liames invisíveis que prendem o homem ao seu ambiente cósmico." A natureza geográfica atua profundamente sobre o comportamento humano e o tipo da paisagem social, fornecendo o material objetivo necessário ao ajustamento da personalidade ao ambiente físico.

As elucidações modernas salientam essa influência dos quadros geográficos sobre o homem, chegando mesmo a provocar modificações anatômicas e psicológicas sobre o tipo antropológico, criando necessariamente um estilo de cultura e sociedade a refletir o conjunto da atuação do ambiente cósmico na construção da paisagem social. Por isso mesmo, não convém prescindir o estudo do ambiente físico na modelação da cultura brasileira.

A beleza paradisíaca do mundo americano encantou de início os primeiros desbravadores do país, à maneira do Pe. Nóbrega, que já em 1545, com o seu estilo fulgurante e gracioso, entoava um cântico de alvorada à exuberância tropical da terra brasileira: "E' muito salubre e de bons ares, de sorte que sendo muita a nossa gente e mui grande as fadigas, e mudando de alimentação com que se nutriam são poucos os que enfermam, e estes depressa se curam. A região é tão grande, que,

dizem, de três partem em que se dividisse o mundo ocuparia duas; é muito fresca, e mais ou menos, temperada, não se sentindo muito calor do estio; tem muitos frutos de diversas qualidades e mui saborosos; no mar, igualmente, muito peixe e bom.

“Semelham os montes grandes jardins e pomares que não me lembra ter visto pano de raz tão belo. Nos ditos montes há animais de muitas diversas feiuras, quais nunca conheceu Plínio, nem dêles deu notícia, e ervas de diferentes cheiros, muitas e diversas das de Espanha; o que mostra a grandeza do Criador na tamanha variedade e beleza das criaturas”.

O deslumbramento diante da caprichosa beleza do mundo novo, com suas românticas ramagens e o brilho dos céus entrelados, se refletia com o mesmo fascínio na prosa atraente de Anchieta, ao fim do século XVI, e que assim descrevia a nossa paisagem, pintando-a em pinceladas cheias de lirismo: “Todo o Brasil é um jardim em frescura e bosques e não se vê em todo ano árvore nem erva seca. Os arvoredos se vão às nuvens de admirável altura e grossura e variedade de espécies. Muitos dão bons frutos, e o que lhes dá graça é que há nêles muitos passarinhos de grande formosura e variedade e em seu canto não dão vantagem aos rouxinóis, pintassilgos, colorinos, e canários de Portugal, e fazem uma harmonia quando um homem vai por este caminho, que é para louvar o Senhor; e os bosques soam tão frescos, que os lindos e artificiais de Portugal ficam muito abaixo”.

A fantasia popular já havia imaginado, muito antes, a existência de ilhas fabulosas, criadas pelas hipótese arrojadas das lendas, que fascinavam a audácia dos navegadores. Não raro se registravam nos próprios mapas referências a terras de existência duvidosa, posto que num mapa do Atlas Medicis, datado de 1351, já constava, bem como em outras cartas, os nomes de Braçir, Braxil, Brazylle ou O’Brasile.

O exame atento da terra brasileira leva a crer numa possível ligação entre o Brasil e a Africa. Discorrendo sobre o assunto, A. Wegener, no seu conhecido livro “Die Entstehung der Kontinente und Ozeane”, expondo a tese das translações continentais, supõe que

a costa brasileira teria estado, em épocas remotas, entrelaçada aos bordos do continente africano. (1).

Este capítulo da ciência geológica é evidentemente hipotético, constitui uma hipótese de trabalho para a explicação da gênese da terra brasileira. Pretende-se porém, ao sentir dos grandes mestres da ciência geológica, à maneira de Wegener, Edmond Perrier, De Launay, e outros que em tempos idos, os continentes se distendiam sobre os planetas no sentido dos paralelos, arrastando-se automaticamente a massa litosférica na própria direção do movimento rotativo da terra.

A generalidade dos autores alude a grandes massas continentais no hemisfério norte, tendo a sua antítese em um presuposto continente equatorial, situado na forma de uma imensa massa continental no hemisfério sul. Discorda-se por vezes, da exata fixação desse bloco geográfico. Certos geólogos pretendem ser exata a ligação do Brasil à Africa, ao Industão e à Australia, como é o caso de De Launay, em seu trabalho "La Science Geologique", falando-se de uma possível associação geográfica da América do Sul à Australia. (2).

A teoria corrente alvitra a hipótese da ligação do continente sul-americano à Africa, até a idade de cretáceo. A partir desta data o enorme bloco continental, arrastado pela atração solar, ter-se-ia deslocado para o oeste, resultado de sua ruína a configuração presente.

1. A. Wegener, Die Entstehung der Kontinente und Ozeane, 4 Aufl., 1929. — Pais Leme. O depoimento do Brasil na discussão da Teoria do deslize dos continentes segundo Wegener. Boletim do Museu Nacional, Rio, tomo 5, p. 41. — La Théorie de Wegener en présence de quelques observations géologiques concernant le Brésil, C. R. Acad. des Sciences, tomo 186, p. 802.
2. L. de Launay, La Science Geologique, Paris, 1922, p. 489 — Edmond Perrier, La Terre avant l'Histoire, Paris, 1922, p. 24. — Emm. de Martonne, Traité de Géographie Physic, Paris, 1920 pp. 596 e 598. Ed. Suess, La face de la Terre, Paris, 1921. — Armando Vivante y J. Imbelloni, Libro de las Atlántidas, Buenos Aires, 1939, p. 136.

Para Wegener, a América do Sul "deve ter sido contígua à Africa ao ponto de constituir com ela um bloco continental único. Esse bloco se cindiu durante o crétaceo em duas partes que se separaram, no curso do tempo, como derivam os pedaços de um gelo quebrando-se na água. Não somente o grande cotovelo ortogonal da costa brasileira no cabo de São Roque encontra seu fiel molde negativo no da africana do golfo da Guiné, mas, também, ao Sul de ambos os pontos homólogos, a cada saliente do litoral brasileiro corresponde uma enseada de igual forma no africano e, vice-versa, a cada enseada brasileira, um saliente africano. Medidas com um compasso, sobre o globo terrestre, as magnitudes de ditas figuras, observa-se que concordam exatamente. Por ocasião do deslize das massas continentais para o oeste, as duas Américas tiveram o seu bordo anterior extremamente enrugado, em consequência da resistência frontal que opôs ao seu avanço o fundo abismal do Pacífico, resistência explicável pelo fato de que este, existindo como tal, desde as épocas geológicas mais recuadas, tinha podido esfriar-se profundamente e tornar-se mais resistente. Daí resultou a gigantesca cadeia andina que se estende do Alasca à Antártica".

Estabilizada a configuração geográfica atual, e distendidos os contornos territoriais à posição contemporânea, veio a formar o Brasil uma unidade geopolítica, espraiando-se na variedade dos aspectos acolhedores da paisagem natural.

Não se deve, porém, de uma maneira açodada, enquadrar toda a configuração física brasileira em um corpo indistinto, com caracteres mesológicos e climáticos únicos, mas antes uma unidade geopolítica ajustada à multiplicidade das geografias regionais.

Para a exposição do Michel Lévy, no "Traité d'Hygiène", o Brasil estaria regidamente enquadrado nos países de clima quente, conforme se verifica de suas palavras: "Os climas quentes estendem-se entre os trópicos, e desde os trópicos até os graus 36 e 35 de latitude austral e boreal".

Seria mais oportuno, porém, acompanhar a tese do prof. Delgado de Carvalho mostrando-se a unidade

da pátria brasileira, porém dividindo-se o Brasil em grandes regiões naturais, como sejam, o Brasil amazônico, o nordeste sub-equatorial, a vertente oriental dos planaltos e o Brasil platinos, afora as sub-regiões enquadradas nessa grande paisagem geo-política.

A região setentrional do Brasil amazônico, como é natural, se desdobra em uma admirável e imensa extensão, a começar das serranias formadas pela maciço granítico das Guianas, continuando pelo rio Amazonas e seus afluentes, e distendendo-se mais além pela Hiléia ou zona das florestas tropicais. E' essa, afirma Fernando de Azevedo, "a região das grandes planícies, das grandes selvas, e dos grandes rios que lembram a infância do mundo".

E' a Amazônia dos rios caudalosos de águas polícromicas e coloridas que, na dinâmica poderosa da força hídrica, da energia eólica do mundo primitivo, deslizam, refuem e inundam as varzeas infindas, a planície viridente, os recantos paradisíacos de um quadro telúrico, que se apresenta à visão do espectador deslumbrado. Euclides da Cunha, o artista admirável dessa natureza selvagem, pintou com pinceladas magistrais essa "Terra sem História", afirmando que "o homem, ali, é ainda um intruso impertinente. Chegou sem ser esperado nem querido — quando a natureza ainda estava arrumando o seu mais vasto e luxuoso salão. E encontrou uma opulenta desordem"... (3)

Outra grande região brasileira é o nordeste sub-equatorial, enorme configuração geográfica, desde o golão maranhense e a bacia do Parnaíba às serras e chapadas da Vertente norte-oriental, abrangendo o li-

3. *Euclides da Cunha*, A margem da História, Porto, 1941, p. 6. — Vide também *Fernando de Azevedo*, A cultura brasileira, Rio, 1943, cap. I. — Sobre o Amazonas e sua região: *Walter Bates*, The naturalist on the river Amazon, London, 1892, *Herbert Smith*, The Amazonas and the Coast, New-York, 1879; *Raimundo Morais*, Na planície Amazônica, São Paulo, 1936; *Araújo Lima*, A Amazônia. A terra e o homem, Rio, 1933; *Tavares Bastos*, O vale do Amazonas, São Paulo, 1937.

toral, a mata e o agreste de Pernambuco, afora os sertões, formando de fato uma região especialmente caracterizada pela sua flora e pelo seu clima, em alguns recantos embalada pela brisa suave e pelo difuso murmúrio das águas correntes.

Os estudiosos da sociologia nordestina, analisando com escoreição a área histórico-cultural do nordeste distinguem-lhe três zonas diversas: o nordeste litorâneo, dominando as praias baixas, arenosas, cheias de dunas, com as suas grandes concentrações urbanas; o nordeste da mata ou dos engenhos, se estendendo pelo litoral e vales úmidos da costa para o ocidente; e o nordeste das caatingas, que é a região do pastoreio dos currais, com os seus crepúsculos de fogo esmaltando num panorama desusado o quadro da natureza. (4)

Nova região natural do Brasil é a vertente oriental dos planaltos, "compreendendo o litoral baiano e espírito-santense, inclusive as bacias do Paraguassú, Jequitinhonha e Doce, a região das chapadas (zona alta), o vale do São Francisco, o sul mineiro e o vale do Paraíba que se alonga pelos Estados do Rio e de São Paulo". Trata-se de uma rica região, de grande relêvo e importância para a paisagem brasileira, e que se integra a maravilha na vastidão territorial da pátria.

Por derradeiro, a última região natural, que é o Brasil platino, contraposto no sul do Brasil amazônico, e também vicamente diferenciado, desde a vertente oceânica, situada entre o Atlântico e a Serra do Mar, compreendendo ainda as regiões da Cordilheira e do planalto, afora as savanas riograndenses e a baixada do Mato Grosso. Ela completa a unidade do cenário físico, enriquecendo a nossa paisagem com uma múltipla variedade policrômica de côres e formas, destinada a conter uma nova civilização. (5)

4. *Djacir Menezes*, O outro nordeste, Rio, 1937, p. 53.

5. Em geral sobre o assunto leia-se *Fernando de Azevedo*, o. c., pp. 20-31. — *A. Rangel*, Rumos e perspectivas, São Paulo, 1934. — *Karl von den Steinen* *Durch Central Brasilien. Expedition zur Erforschung des Schingu im Jahre, 1884, Leipzig, 1886.*

Naturalmente essa região, assim tão vasta, haveria de conter uma certa variedade de climas, se bem que, em geral, dá-lo Silvio Romero, a nota dominante seja o calor. Pretende-se então que o Brasil seria sobretudo um país de clima quente, ao qual se aplicaria essa candente página de Michel Lévy sobre os climas equatoriais.

Afirma com efeito o citado higienista, em um trecho que deve ser lido e meditado pelos brasileiros: "Os habitantes dos climas equatoriais experimentam desde o nascer os efeitos do calor. Experimentam-nos sem interrupção até a morte; sua organização, composta de elementos de uma hereditariedade especial, é a expressão mais verdadeira e completa do poder desse agente; ela carrega o sêlo da ação solar como todos os produtos da natureza que a cerca. O calor exalta os órgãos da periferia e determina um movimento centrífugo: exageração habitual das funções exteriores, relaxamento das funções centrais, tal o ritmo dos indígenas da zona tórrida. O calor árido contrai, encrespa, irrita seus tecidos cutâneos; o calor úmido os distende pelo suor e muitas vezes pelas erupções; num caso e noutro, os fluidos são levados para debaixo da pele, que perde a cor e adquire um alto grau de sensibilidade: os órgãos que simpatizam diretamente com a pele recebem um igual impulso, especialmente os sentidos e o aparelho genital. A sobre excitação cutânea tem como consequência a depressão vital das mucosas; as forças digestivas languescem; a elaboração do quilo é incompleta; o sangue, fornecido além disso por uma alimentação pouco substancial, fica seroso e pouco estimulante; levado aos pulmões, cuja atividade está diminuída, não se arterializa tão completamente como nos climas frios, onde a respiração é mais enérgica.

"O Dr. Copeland notou que nos países quentes escapa-se uma porção menor de ácido carbônico pelas vias respiratórias; o carbono predomina, então, nos fluidos orgânicos, que não têm plasticidade, e vai fixar-se no pigmento, cuja formação tende a aumentar. A economia ficaria sobrecarregada desse princípio contrário à vida se o não expulsasse em parte pela pele e pelo fígado, que se anima com uma atividade suplemen-

tar à do pulmão; o carbono, que esta víscera não elimina sob a forma de ácido carbônico, o fígado se encarrega de evacuá-lo debaixo da forma de bilis, pelo tubo digestivo. Em tôdas as épocas da vida, desde o estado embrionário, observa-se êste antagonismo entre o fígado e o pulmão; ligados por uma relação inversa de desenvolvimento e atividade e, logo que um destes órgãos se enfraquece, o outro se exalta; o clima nisto opera como a idade e as moléstias; cria idiossincrasias especiais e amortece as que dantes existiam.

“A transpiração cutânea, a secreção da bilis, a deposição mais copiosa do pigmento são o tríplice trabalho, que domina a fisiologia dos países quentes; a pele e o fígado são os órgãos mais vivos e sôbre êles se dirige mais frequentemente a iminencia mórbida. Aí a forma mais ordinária da saúde não será, pois, o temperamento sanguíneo que mostra uma quilificação e uma hematose perfeitas; manifestam-se como tipo mais genérico os caracteres do predomínio bilioso, os sinais de uma verdadeira saturação de carbono, combinados com os do temperamento linfático e os do nervoso.

A constituição dos indígenas testemunha a influência enervadora do clima: todos os observadores assinalam nêles o contraste da fraqueza radical, do relaxamento dos tecidos, da indolência e da apatia, com a exaltação do sistema nervoso, o fogo das paixões, os borbotões desordenados de atividade física e moral. O enfraquecimento geral destas raças é ainda favorecido pela natureza do regime alimentício, pouco reparador no fundo, a-pesar-dos condimentos incendiários com que se esforçam para despertar a inércia de seus órgãos digestivos enfraquecidos pelos excessos venéreos, que cometem pelo estímulo especial do clima, pelas desordens de tôda a espécie a que as levar sua luxúria natural, a ociosidade e o despudor dos costumes.

“A afecção dominante nestes climas na estação sêca, é uma febre contínua remitente, acompanhada de congestões rápidas que se operam, já no encéfalo ou nas meninges, já no tubo digestivo e anexos. Com esta afecção coincidem as moléstias locais, febris ou apiréticas: o calor sêco dispõe para as hiperemias cerebrais, as meningites, as encefalites, as apoplexias. O

brilho da reverberação solar provoca oftalmias; a pele, sede de uma estimulação constante, se cobre de erupções diversas.

Os aparelhos digestivo e biliar se irritam por seu lado, diretamente ou por simpatia: as colites, as disenterias, as hepatites em multidão, cercadas de febre violenta, ordinariamente de natureza palustre, que não custa a imprimir seu cunho particular em tôdas estas flegmasias; até as febres traumáticas revestem-se dêste tipo especial.

“A estação úmida vem acabar, por sua ação dissolvente, a prostração da economia, gasta pela superexcitação produzida pelos calores da estação precedente. As primeiras chuvas, que refrescam a terra ressequida, fermentam a camada de detritos orgânicos que a cobrem; logo depois a superfície do solo se enche de lamas e umidades fétidas, e sôbre tôda a extensão da zona tórrida operam-se emanações deletérias, máximas nas costas cobertas de mangues e pântanos, nos terrenos baixos e nas terras cobertas de mato; aparecem então as endemias de febres intermitentes e remittentes, seguidas ou complicadas com hepatite, disenteria, ou coléra-morbo; as lesões locais apresentam maior propensão para a supuração e a gangrena.

“Ao passo que a febre da estação sêca se faz notar pela perseverança da sobreexcitação inicial até o momento da catástrofe, a da estação úmida começa por sintomas de abatimento, e acompanha-se de uma proteção que progride com a decomposição dos fluidos orgânicos; por isso foi chamada febre biliosa pútrida por muitos observadores dos países quentes”. (6)

O transplante desse pensamento para a interpretação total do clima brasileiro é um tanto exagerado, dada a grande extensão teritorial do país, distribuída em 39º de latitude e outros tantos de longitude, as prodigiosas bacias hidrográficas, da diversidade da distribuição fluvial, a diferença das altitudes, as montanhas e os vales, e outros fatores diferenciando a presuposta unidade do clima brasileiro.

6. *Michel Lévy*, *Traité d'Hygiène*, I, pp. 490 s., apud. *Silvio Romero*, *História da Literatura Brasileira*, Rio, 1949, I, pp. 76 s.

Salienta Afranio Peixoto que “seria difícil traçar na carta geográfica do país, zonas climáticas precisas e limitadas”, não estranhando que, “tendo tão vasta extensão de território e tão diversas condições locais de altitude, proximidade ou afastamento do mar, solo desnudo e protegido por vegetação, possuía o Brasil vários climas, quasi todos climas da terra.

Em consequência às ideias de Morize, Delgado de Carvalho, Afranio Peixoto e Fernando de Azevedo, poder-se-iam escalonar três zonas principais quanto ao clima, como sejam, a zona equatorial, a tropical e a temperada. A primeira delas abrange os Estados do norte e do nordeste, bem como partes de Goiás, Mato Grosso e Bahia, distendendo-se desde as proximidades do Equador até o paralelo 10°. Já a segunda se prolonga desde a Bahia e Sergipe rumo ao sul, afora certas zonas do oeste paulista e quase toda a região do Mato Grosso, situando-se entre o paralelo 10 e o trópico de capricórnio. Em fim a terceira zona, a chamada zona temperada, se prolonga da região sul de São Paulo aos limites meridionais brasileiros. (7).

Ter-se-ia, assim, de reconhecer como grande parte do Brasil se enquadra na zona do clima equatorial e tropical, quente e úmido. Ainda recentemente Taylor, subordinando o conceito científico do clima às idéias de umidade relativa a temperatura sensível, escalonou os seguintes padrões climatéricos: clima quente e seco (scorching), quente e úmido (muggy), frio e úmido (raw), frio e seco (keen). Foi esse critério de Taylor que inspirou a classificação de Morize, contra-distinguindo os padrões climatéricos da sua memorável classificação. (8)

-
7. Sobre o assunto, vide *Henrique Morize*, Contribuição ao estudo do clima do Brasil, Rio, 1927; *Afranio Peixoto*, Clima e saúde. Introdução bio-geográfica à civilização brasileira, 1938 e *Fernando de Azevedo*, A cultura brasileira, Rio, 1943.
 8. *T. G. Haylor*, Environment and Race, London, 1927. — Em geral sobre clima veja-se: *W. P. Koeppen*. Die Klimate der Erde, Berlin, 1923.

Bem está de ver, pela exposição feita, que grande parte do país se inclui nos limites do clima quente e úmido, o que não impede a existência de uma grande região temperada, como reconhecem os próprios seguidores de Morize. Nêsse sentido asinala o prof. Fernando de Azevedo, em uma primorosa obra "Brazilian Culture": "As pressões barométricas, a temperatura, o regime pluvial, variando com a posição do lugar em relação ao equador, com a distribuição das terras e das águas, as altitudes e os ventos dominantes, determina uma grande variedade de clima, desde os mais deliciosos, como nas terras do ocidente da Serra do Mar, até os mais inclementes, como na região do nordeste, sujeita ao flagelo das sêcas prolongadas. Em quase todo planalto interior o clima é ameno e saudável, geralmente pouco variável em suas oscilações térmicas; e, além de faltarem, entre os climas da Terra, os extremos, pela posição do país situado alguns graus abaixo do equador térmico e muito além das regiões frígidas, o próprio "clima caluniado" por excelência — o do Amazonas — apresenta oscilações limitadas, como se pode observar em Manáus, em que o calor máximo atingido foi de 37º,5 e o mínimo de 18º,8, sendo de 26º,53 a temperatura média nesa cidade, erguida em pleno coração do mlndo amazônico".

Na teoria dialética da cultura, não se pode deixar evidentemente de reconhecer a influência do clima sobre a sociedade, levando o homem a procurar processos adequados de ajustamento ao meio físico. "Há quatro fatores essenciais na aclimação técnica — diz Josué de Castro: — a habitação, o vestuário, a alimentação e o regime de trabalho".

No ajustamento ao meio físico, o homem procura construir uma forma especial de habitação, condicionado ao tipo da paisagem. Krebs, estudando alguns problemas da geografia humana, mostrou como nas montanhas européias ou na Africa tropical as aldeias são poucos concentradas, sitas às margens dos rios. Grupos sociais mais amplos constituem os pescadores e caçadores das zonas boreais, ao passo que os nomades das estepes formam ainda grupos sociais mais vastos,

sempre recebendo a influência da paisagem modelando o tipo da habitação.

No Brasil colonial, o tipo da paisagem teve outros-
sim os seus efeitos no condicionamento da habitação,
dando margem à criação do sistema da casa grande e
senzala, com a sua família patriarcal e a sua organiza-
ção latifundiária. Tipo de habitação que era residên-
cia, igreja, banco, escola e mesmo fortaleza, na época
de nossa formação histórica. Mais tarde, com o desen-
volvimento das cidades, sobretudo criadas à beira das
águas remansosas dos rios, baías e enseadas, ou sô-
bre as colinas verdejantes, com a decadência do pa-
triarcado rural e o industrialismo nascente, é abando-
nado o sistema da casa grande e senzala, substituído pe-
los sobrados e mucambos, como se observa em algu-
mas cidades brasileiras, dando margem à verticali-
dade dos sobrados e à proliferação dos mucambos. (9)
Para os mucambos ocorreu a grande massa do prole-
tariado, formando-se como o equivalente urbano da
antiga senzala, em palhoças construídas pelo aprovei-
tamento de materiais próprios do clima tropical. Natu-
ralmente, essa influência do clima sôbre a habitação
é de natureza parcial, sobretudo com o desenvolvimento
técnico da civilização, quando cresce o poder do homem
sôbre a natureza.

Outro aspecto fundamental na aclimação técni-
ca é o problema do vestuário. Como se sabe, muito se
tem estudado o problema da colonização branca nos
trópicos, destacando-se a grande dificuldade do seu tra-
balho intensivo nas referidas áreas.

Recentemente, Lusk em seu trabalho "The Science
of Nutrition" e Talberg no "American Journal of Phy-
siology", explicaram a contento alguns dos motivos des-
sa fadiga das populações brancas na vida tropical. Pre-
tendem êles que a causa dessa fadiga reside na espolia-
ção em sódio pelo suor, mediante a secreção que se in-

9. Gilberto Freyre, *Casa Grande & Senzala*, Rio 1943, I, p. 24 e *Sobrados e Mucambos*, São Paulo, 1936, pp. 159-257. — Cf. Evaldo Cabral de Mello, Recife, uma introdução ao estudo das suas formas e das suas cores, Recife, 1952, passim.

tensifica no trabalho: o negro perderia menor quantidade de cloreto de sódio do que o branco pela sudção, e por isso mesmo se fadigaria menos.

Entre nós, o prof. Josué de Castro, em seu livro "Geopolítica da Fome", aplicou a doutrina de Lusk e Talberg à explicação da realidade brasileira, afirmando que as aludidas observações nos esclarecem "interessantes fenômenos ligados à aclimação e à colonização das regiões tropicais. O primeiro ponto esclarecido é o da maior resistência do negro ao trabalho nos trópicos. E' que o negro sempre trabalhou quasi despido fôsse nas plantações de cana das Antilhas, fôsse nos algodoais norte-americanos, fôsse na área do açúcar do nordeste brasileiro: sempre o encontramos com o mínimo de roupa possível, às vezes com uma simples tanga evitando deste modo a desmineralização pela sudção excessiva em sais minerais. (10)

Daí resulta a necessidade de um vestuário mais leve, ajustando o homem brasileiro ao clima equatorial ou dos trópicos, no abandono da vestimenta pesada em benefício de uma vida mais natural, para o que, aliás, vem se inclinndo a sociedade nacional pela influência do naturalismo os costumes e do existencialismo à la Sartre.

De mais a mais, convém salientar a importância da alimentação cofo fator indispensável da aclimação técnica. Nesse sentido, está comprovada a deficiente alimentação do nosso povo desde a época da colonização, com o péssimo regime alimentar da massa trabalhadora, constituída pela enorme população das senzalas, senão também da própria aristocracia rural dos fazendeiros e senhores de engenho.

Henry Koster já salientava a propósito do problema: "Considero insuficiente a quantidade e a qualidade da alimentação dos escravos, em relação ao trabalho que deles exigem; assim não poderiam viver si o

10. C. Talberg, No American Journal of Physiology, 1922, 25, 350. — G. Lusk, The science of Nutrition, 1928. — Em derredor do problema é clássico o admirável trabalho do Josué de Castro, Geopolítica da Fome, Rio, 1952, especialmente o cap. III.

trabalho dos dias destinados ao descanso, não fornecesse um suplemento à ração dada pelo senhor". Ainda Gilberto Freyre, em sua "Casa Grande & Senzala", aduz considerações idênticas, relacionando essa fome crônica ao sistema da monocultura latifundiária: "No caso da sociedade brasileira o que se deu foi acentuar-se, pela pressão de uma influência economico-social — a monocultura — a deficiência das fontes naturais de nutrição que a policultura teria talvez atenuado ou mesmo corrigido e suprido através do esforço agrícola regular e sistemático. Muitas daquelas fontes foram por assim dizer pervertidas, outras estancadas pela monocultura, pelo regime escravocrata e latifundiário, que, em vez de desenvolvê-las, abafou-se, secando-lhes a espontaneidade e a frescura.

O Brasil é o país da fome. Não da fome aguda, levando a bruscas e violentas revoluções sociais, mas a fome secular e crônica, derivada do regime dietético insuficiente. No tocante à geo-política da fome, costuma-se dividir a nossa pátria em dois setores: o setor A, abrangendo uma grande parte do norte do território brasileiro, onde a alimentação é extremamente defeituosa, e o setor B, abrangendo as terras do centro-oeste e do sul do país, onde as condições alimentares são menos graves.

Para mostrar a influência do regime alimentar na cultura, bastaria apontar o fato expressivo de que a produção per-capita no sul do Brasil é superior dez vezes a do extremo norte. De outro lado, as estatísticas raevelam como o segmento B, abrangendo apenas um terço do nosso território, engloba 80% da capacidade econômica nacional. (11)

No entanto, a alimentação nutritiva e sadia é indispensável à aclimação técnica, daí provindo a necessidade de um regime alimentar mais proveitoso. A fome, aguda ou crônica, tem efeitos desastrosos sobre a cultura e a sociedade. Alguns estudos recentes, como os de Ivanovsky, Boas, Hrdlicka, Josué de Castro e tan-

11. *Josué de Castro*, *Geopolítica da Fome*, p. 97, e *O Problema da Alimentação no Brasil*, São Paulo, 1939, pp. 48 s. e 145-147.

tos outros, mostram a influência do regime alimentar sobre o tipo antropológico.

A. Ivanovsky, no ensaio "Physical modifications of the population of Russia under famine", mostrou a diminuição da estatura do povo russo durante a fase de fome do comunismo de guerra, até 1922, fome desastrosa, que custou a vida de 12.000.000 de cidadãos. Ales Hrdlicka, no trabalho "The Old Americans", salientou o aumento da estatura na atual população norte-americana em relação à população anterior. Boas, Sotelo e Morris Steggaerda, afora outros, mostram como os indivíduos situados em condições econômicas desfavoráveis apresentam uma estatura baixa em relação às classes ricas. (12)

Não resta dúvida alguma, destarte, sobre a influência do regime alimentar quanto à seleção de tipos eugênicos, permitindo uma melhor aclimação teórica à paisagem social, tornando-se urgente o aprimoramento do sistema alimentar do povo brasileiro.

Enfim, o derradeiro processo da aclimação técnica consiste no regime de trabalho, criando uma situação econômica favorável à massa trabalhadora e um estilo de vida próprio ao aprimoramento da sua personalidade espiritual, moral ou intelectual.

Saint-Hilaire já havia feito algumas observações interessantes sobre a desarticulação do tipo antropológico, focalizando alguns habitantes de Santa Catarina laborando a terra, e outros, mais ao sul, no pastoreio, exigindo uma forma de vida mais violenta e agressiva. Ambos os tipos observados provinham da mesma região, eram colonos dos Açores, porém os primeiros anêmicos e fracos, os segundos corpulentos e cheios de vida. afirmou então: "Si a uma distância tão pequena

12. Vide *Franz Boas*, *Antropology and modern Life*, London, 1929, pp. 42 e 48. — *A. Ivanovsky*, *Physical modifications of the population of Russia under famine*, no *American Journal of Physical Anthropology*, n. 4, 1923. — *Ales Hrdlicka*, *The Old Americans*, Baltimore, 1925. — *Norris Steggaerda*, *Status on South American Indians*, *Am. Journ of Phys. Antrop.*, vol. 1, nº 1. 1943.

essa diferença de hábitos e de instrução poude produzir tão grande disemelhança étnica, em homens sádios em tão pouco tempo, em um mesmo país, compreende-se como é possível a uma mudança total de clima e instrução resultarem as sensíveis modificações que vão constituir as raças”.

No que concerne à técnica do trabalho, necessário se torna assinalar a precariedade do nosso sistema econômico industrial e agrícola, baseado ainda no velho estilo da exploração colonial, dos ciclos sucessivos da economia, desde o ciclo do pau-brasil ao ciclo do café. A monocultura latifundiária, a expansão do latifúndio agrário, são flagelos para a economia nacional, degradando as possibilidades de desenvolvimento e abastecimento das regiões naturais.

Como assinala o prof. Josué de Castro, “o Brasil, com um território 15 vezes superior ao da França e com idêntica população, possui um número duas vezes menor de propriedades (1.900.000 no Brasil e 4.000.000 na França). Não é sem razão que apenas 2% do território brasileiro encontram-se sob cultivo e apenas 1% dedicado à produção de alimentos”.

Diante de tudo isso, tem-se o dever de proclamar uma nova intuição econômica, aprimorando as condições da técnica do trabalho e das forças produtivas, com a instituição da reforma agrária, a desenfusão da propriedade, a agricultura socialista, a criação da ciência das máquinas agrícolas, e outras medidas similares, procurando tornar a pátria brasileira uma herança do próprio povo.

Resta agora considerar o problema relevante da influência da paisagem geográfica sobre a sociedade e a literatura, cujas relações mútuas já foram, em certos aspectos, amplamente enunciadas por P. Vidal de la Blache, Jean Brunhes, C. Vallaux, E. Huntington, E. G. Dexter, E. Ch. Semple, Morcelli, Lehmann, Shyten, H. L. Moore, Beveridge, Sorokin, Silvio Romero, e tantos outros, insistindo e demonstrando os efeitos das condições geográficas sobre a conduta e a psicologia do homem, senão também sobre a organização social, as

processos sociais e os destinos históricos do grupo.
(13)

Ainda recentemente o prof. Huntington, em trabalhos memoráveis, como "Civilization and Climate", "World Power and Evolution" e "The Character of Races", destacou a profunda influência do clima sobre a civilização, procurando descobrir as relações entre o clima e a saúde, entre o clima e o poder de trabalho, entre o clima e os trabalhos mentais, como a inteligência, o gênio e o desenvolvimento da vontade e, por fim, entre o clima e o caráter, o progresso e o declínio da civilização. (14)

Por evidente se induz ser marcante a influência do meio físico sobre a sociedade, não se devendo porém admitir a ditadura unipessoal dos fatores geográficos sobre a estrutura social. O homem não é uma entidade passiva diante da paisagem, porém tem um certo poder de atuação sobre o ambiente.

A atuação do sólo e do sub-sólo sobre o homem, ou, generalizando o problema, a influência da paisagem sobre a cultura, se realiza mediante dois mecanismos: o direto, como a totalidade dos fenômenos físicos concedendo um caráter benéfico ou nocivo ao meio, e a

13. Vide em geral: *H. L. Moore*, *Economic Cycles; Their and Cause*, New-York, 1914 e *Generating Economic Cycles*, New-York, 1923. — *E. G. Dexter*, *Weather Influences*, na *Empirical Study of the Mental and Physiological Effects of Definite Meteorological Conditions*, New-York, 1904. — *Jean Brunhes*, *La géographie humaine*, Paris, 1925, 3 Vols. — *Vidal de la Blache*, *Principes de géographie humaine*, Paris, 1922. — *J. Russell Smith*, *Climate*, in *Encyclopaedia of the Social Sciences*, New-York, 1935, III, pp. 556-562.

14. *P. A. Sorokin*, *Les Théories Sociologiques Contemporaines*, Paris, 1938, pp. 113-133. — *Huntington*, *Civilization and Climate*, New Haven, 1915, e *The character of Races*, New-York, 1924, pp. 231 s.

indireto, processando-se mediante a alimentação e o clima. (15)

A paisagem naturalmente exerce uma relativa atuação na determinação do pensamento literário do povo, como no caso brasileiro, atuação essa que pode ser analisada no seu aspecto negativo e positivo, quando aos efeitos benfazejos ou prejudiciais no condicionamento da atividade literária.

Silvio Romero, na sua "História da Literatura Brasileira", indagou com mestria as correlações funcionais entre a paisagem e o clima, a população e a literatura. Temos — afirma ele — uma população mórbida, de vida curta, achacada e pesarosa em sua mór parte. E que relação tem isto com a literatura brasileira? Tôda. E' o que explica a precocidade de nossos talentos, sua extenuação pronta, a facilidade que temos em aprender e a superficialidade de nossas faculdades inventivas.

O trabalho intelectual é no Brasil um martírio: por isso pouco produzimos: cedo nos cansamos, envelhecemos e morremos depressa.

A nação precisa mais de um regime dietético acertado e caprichoso do que mesmo de um bom regime político. O brasileiro é um ser desequilibrado, ferido nas fontes da vida; mais apto para queixar-se do que para inventar, mais contemplativo do que pensador; mais lirista, mais amigo dos sonhos e palavras retumbantes do que de idéias científicas e demonstradas. Não temos filosofia, nem ciência, nem a grande poesia impessoal dos grandes gênios europeus. Temos o palavreado da carolice, a mística ridícula do beatério enfêrmo e fanático, de um lado e de outro, os devaneios fúteis da impiedade impertinente e fácil; na poesia, o lirismo subjetivista, mórbido, inconsistente, vaporoso, nulo."

Tudo isso explica a propensão dos intelectuais para os estudos fáceis, descuidoso se superficiais, a falta de uma verdadeira intuição filosófica dos grandes proble-

15. L. M. Charles, *Agents Pathogenes du Climat*, Paris, 1945 passim. — Nelson Chaves, *A Mata, A Terra, e o Homem no Nordeste*, Recife, 1951, passim.

mas, ou a fuga diante das grandes questões de base da nacionalidade. A princípio, a própria escolha dos gêneros literários, especialmente a poesia, que atingiu a sua fase áurea durante o romantismo, e mais tarde o romance, acentuava essa inclinação para o debate de problemas sem vida, de falsos problemas para a cultura, num lirismo pasadista e choramingueiro, no desamor pela ciência e pela filosofia.

Na atualidade, o menosprezo pelos estudos sérios, na indagação dos amplos temas da cultura, é ainda evidente. Os poetas, com a sua grenha cheia de inspiração, continuam fungando versos delambidos, sobretudo na fase decadente do ultra-modernismo. Os ensaístas, com raras exceções, preocupam-se com requintes parnasianos de forma, alheios a idéias e fatos objetivos, raciocinando ainda com um pensamento mofino e lânguido num palavriadinho seco de estufa. Por isso mesmo, houve até quem se referisse à moderna literatura brasileira como uma "literatura fracassada", na opinião de Graciliano Ramos.

Cumprе distinguir os intelectuais em dois grandes grupos: os autênticos intelectuais, colaborando serenamente na obra do progresso e da civilização e os falsos intelectuais, mugindo lamentavelmente velharias e "bêtisés", incompatíveis com a cultura contemporânea.

E' essa a influência negativa do meio físico sôbre a literatura criando uma geração de jovens intelectuais bem cêdo estenuados pelo clima, uma geração secularmente mal alimentada, mal ajustada ao seu ambiente, e por certo morrendo antes de consagrar por inteiro a pujança de sua inteligência ao povo brasileiro. "E' essa razão — afirma Silvio Romero — de tôda essa galeria pátria, merencória e sombria, de tísicos e histéricos, mortos antes dos trinta anos, onde estão Alvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, Bernardino Ribeiro, Castro Alves, Junqueira Freire, Macedo Junior, Dutra e Melo, Franco de Sá, e muitos e muitos outros, extenuados ao sol da pátria, é certo; mas também desorientados pelas quimeras de uma educação misantrópica e prejudicial. Todos êstes moços são um mau exemplo para nós os de hoje; havemos mister de tipos mais varonís, de lutadores mais valentes".

Entretanto, o poder da ciência deve ser utilizado para neutralizar esses aspectos dissonantes entre o homem e o meio, porque a ciência tem um raro poder de libertação diante dos limites impostos pela natureza. Ela é um autêntico connecimento da necessidade, das leis que regem o determinismo da realidade objetiva, permitindo progressivamente um maior controle do homem sobre a natureza e a história. A alimentação racionalizada, a habitação higiênica e a técnica aprimorada do trabalho, condicionadas pelos aspectos objetivos da paisagem e do clima, poderão criar uma geração robusta e viril, moralmente livre, dotada da consciência de si própria e da independência intelectual, destinada aos grandes vôos do pensamento ou aos grandes feitos da ação.

De envolta com essa influência negativa e perturbadora do meio, falta salientar os efeitos positivos da paisagem sobre a alma brasileira, elevando-a para as altas concepções saturadas de um lirismo tropical, embebidas da fragrância suave do naturalismo. O lirismo e o naturalismo, êste último adornado no figurino aprimorado do realismo, são forças que desabrocham da alma nacional, com graça e encanto, beleza e harmonia de côres e de formas.

A natureza é um brinco de esplendor e mimo. O esplendente céu tropical sempre estrelado e belo, os léques viridentes das palmeiras, as noites tépidas, o sol brilhante de ouro lampejando o espaço e a exuberância das florestas, ou o murmúrio dolente e cristalino das águas, dos rios, das bahias remansosas, tudo convida para o naturalismo, para as grandes concepções ricas e moduladas da mais alta expressão do lirismo.

Os céus da Inglaterra, cinzentos e nublados, cheios de névoa, poderiam evocar a sensibilidade fria dos britânicos, como a riqueza e o brilho do aspecto tropical da natureza influiriam nos ardores meridionais da raça brasileira.

“O constante aspecto promaveril das árvores, das várzeas, das montanhas, do céu, de tudo que nos cerca, imprimiu em nosso senso estético as duas qualidades que melhor o distinguem: a efusão lírica na poesia, o colorido vivo da paisagem na pintura. Lirismo e pai-

agem são, destarte, as notações mais vivazes da nossa capacidade artística.

A terra dos tardes morenas e tépidas, das noites deslumbrantes, das manhãs vivas e cheirosas, dos pássaros de variada plumagem, das folhagens sempre verdes, das flôres sempre alacremenente vivas, tinha de ser terra de descritivos na lírica e na pintura". (16)

A verdadeira e autêntica nota da literatura nacional deve ser, e de feito o é, a inclinação para o *realismo lírico*, o contato com a realidade interpretada ao sôpro do ardente idealismo, do espírito pensante sentindo e reformando a natureza e a história.

O céu esplendente, o sol ardente dos trópicos, a lua com seus tons de ouro desmaiado ou o brilho dos leques opalinos das estrelas, cobrem uma paisagem luxuriante, com suas castanheiras, orquídeas e seringueiras nas floresta amazônica, nos igapós atapetados de poéticas vitórias-régias; desabrochando mais além nos cocais de babaçú e buritizais e carnaubeiras do nordeste sub-equatorial, encerrando-se ao sul nas belas araucárias e pinheiros. Nas campinas floridas, nas longas e vastas pastagens, nas matas e nas florestas, nos vales e montanhas, há tódo um mundo cheio de suavidade e doçura encaminhando a alma brasileira para o lirismo e para a integração com a natureza.

Esse lirismo já desabrochava da cultura lusitana, com a "escola camoneana", mas atinge nas pátrias letras uma forma própria e bem brasileira, e daí a viva necessidade de se acentuar sempre a influência do verbo camoneano na literatura nacional, na cultura pátria: "o lirismo português da época camoneana, passado ao Brasil, evoluiu em marcha crescente, tomando mais calor na intensidade e mais brilhos na fôrma, até vir a constituir a expressão típica da estesia nacional e

-
16. *Sílvio Romero*, no *Compêndio de História da Literatura Brasileira*, transcrito em parte na *História da Literatura Brasileira*, Rio, 1949, I, p. 267.

tornar-se um dos mais perfeitos, si não o mais perfeito da América". (17)

As grandes expressões da cultura brasileira, Castro Alves e Tobias, Ruy, Euclides, Sílvio Romero, Nabuco, Jorge Amado, as mais belas cristalizações diamantinas da alma nacional, revelam os traços vivos de uma impetuosidade tropical, de um vôo ardente da imaginação ao sôpro da idealidade, uma exuberância tropical retratando a natureza e encaminhando o homem para nobres fins.

Os pendores líricos da alma brasileira deverão assim combinar-se com o naturalismo, na sua síntese final e dialética de um *realismo lírico*, justapondo com o ritmo e a pulsação do idealismo ético, associando o progresso com a moral e as normas éticas da convivência humana, aconselhando, afinal como diria o nosso Eça de Queiroz (18), "aos políticos — menos liberalismo e mais caráter, aos homens de letras — menos eloquência e mais idéia, aos cidadãos em geral — menos progresso e mais moral."

17. Sílvio Romero, *Evolução do Lirismo Brasileiro*, Recife, 1905, p. 201.

18. *Eça de Queiroz*, *Os Maias*, 1951, I, p. 283.